



3682

3682

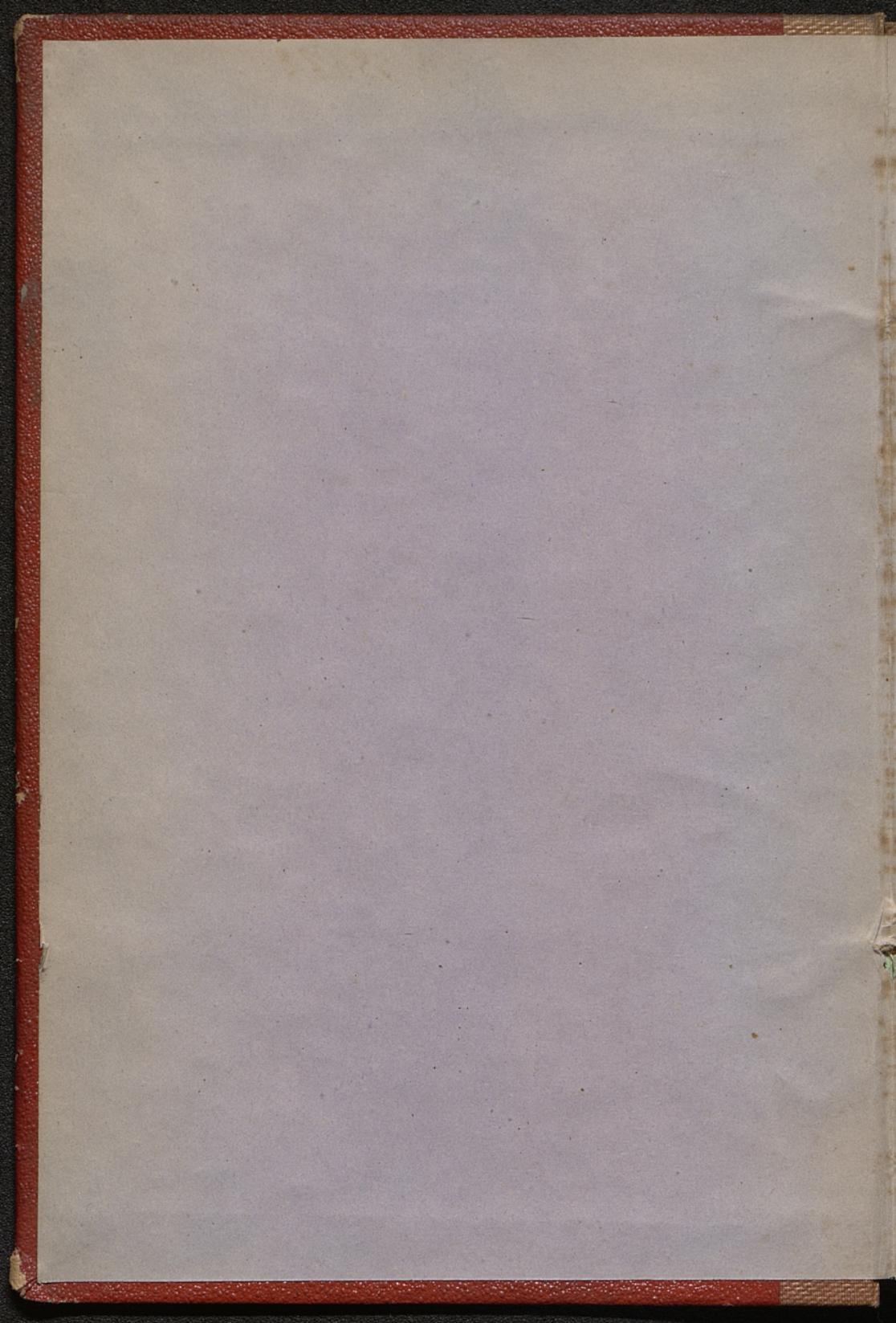


536 1/2



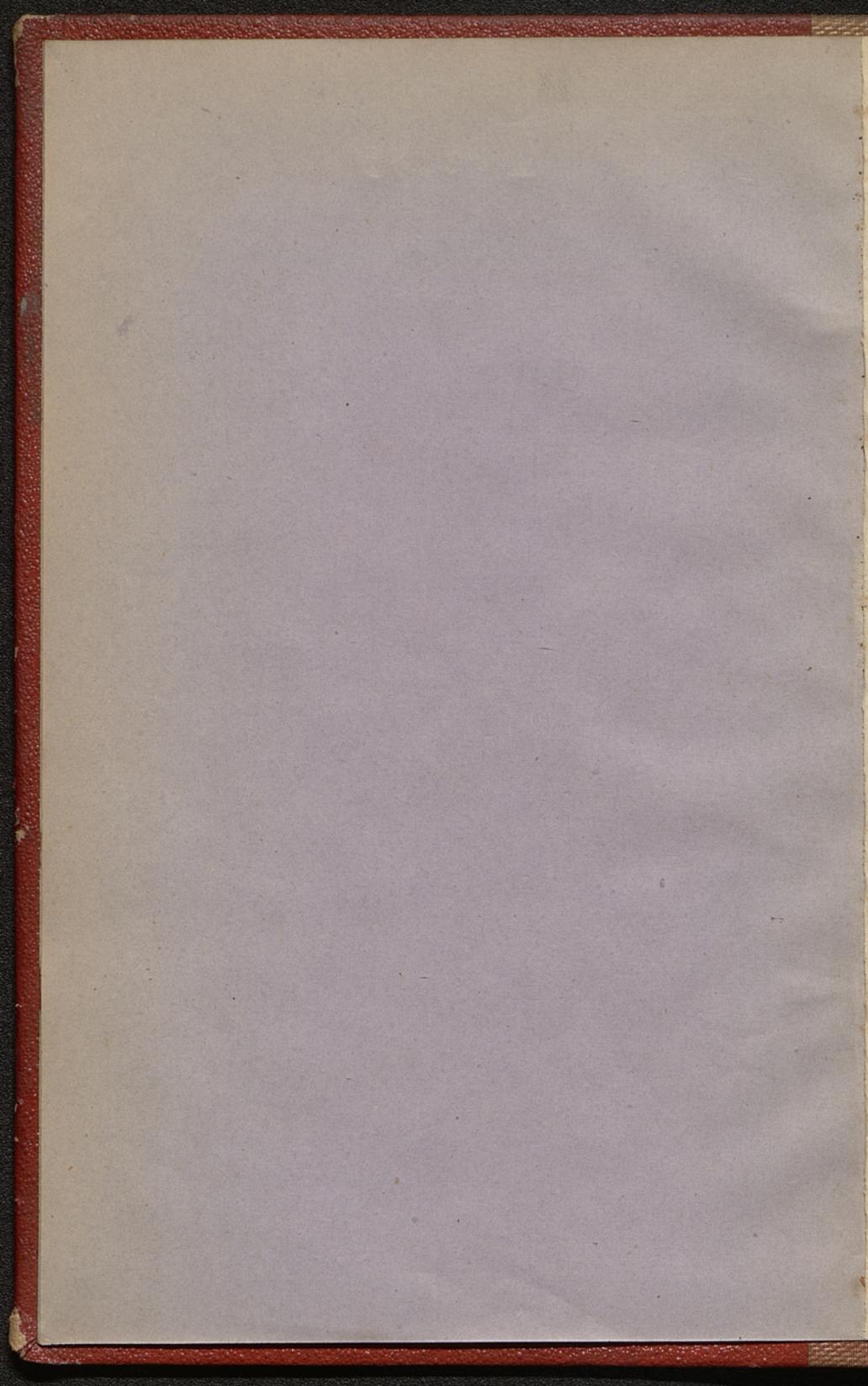
2

62



Δ 93682

Δ 93683



UM EPISÓDIO

POESIA

DO CONSELHEIRO

DR. JOÃO CAPISTRANO BANDEIRA DE MELLO

RIO DE JANEIRO

Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico

61 — RUA D'AJUDA, CHACARA DA FLORESTA — 61

1876

UMBRISODIO

ESSE

NO COMPTON

DE THE LIBRARY

NO. 10

Library of the University of Toronto

100 St. George Street, Toronto, Ontario

A muito custo consegui arrancar mais essa perola do escritorio onde o conselheiro Bandeira de Mello esconde ao publico os primores de seu privilegiado talento poetico com ciume, igual ao do aváro, que aferrolha thesouros.

Congratulo-me com a litteratura patria por mais este inapreciavel mimo, que, posto constringido em virtude de sua inexplicavel modestia, lhe faz o Gessner Brasileiro.

Rio, 31 de Julho de 1876.

Cardozo de Menezes.



Quando o homem, chegando hoje a certa idade, lança um olhar retrospectivo ao tempo, fica realmente assombrado, tanto da successão e magnitude dos acontecimentos, como das conquistas maravilhosas, que relativamente a tão curto espaço de annos, tem realiado o espirito philosophico e observador de nossa época, quer nas investigações puramente historicas, quer no dominio das sciencias experimentaes.

Esta revolução penetrou em todas as fórmãs do pensamento humano, modificando umas, ou abrindo caminho novo inteiramente a outras.

A poesia não podia esquivar-se a esta influção.

E' por este motivo que a missão do verdadeiro poeta se vae tornando de dia para dia mais difficil e menos comprehensivel e apreciada dos modernos. Não póde este interpretar a natureza com os olhos da sciencia, porque os estudos litterarios se ressentem ainda da avidez escolastica, nem interrogal-a tão pouco á luz do sentimento puro, por que está este até certo ponto obliterado em seu coração pelas condições excepcionaes da vida actual.

E, no entanto, que assumpto mais grandioso para inspirar o engenho poetico, do que o complexo das pasmosas maravilhas que nos está a toda a hora revellando a contemplação do espaço celeste, o estudo do mundo physico, os prodigios da vida animal, não só na superficie da terra, como nos abysmos até nosso tempo insondaveis dos oceanos, a historia do homem primitivo e do homem moderno, as suas relações physicas e sociaes e finalmente o problema augusto e mysterioso de seu destino, como representante das humanidades que povoam naturalmente os milhões de mundos a gravitar na immensidade, ao impulso da vontade omnipotente do Creador?

Não quer dizer isto que se deva proscrever em poesia o genero classico e condemnar todas as produções que não tragam o cunho das novas aspirações da arte, segundo os recentes e grandiosos horizontes abertos aos devaneios do poeta.

Mas para que as composições deste ultimo genero mereçam ainda lugar distincto nas litteraturas e sejam aceitas pelo juizo imparcial da critica, é preciso que se recommendem simultaneamente pela belleza da idéa e pela correcção severissima da fórma.

São estas as duas condições que se acham plenamente satisfeitas na mimosa composição do Exm. Sr. Conselheiro J. C. Bandeira de Mello, intitulada : « Um episodio » e cuja leitura vae deixar ao publico a mesma agradável e consoladora impressão, que nos produzio a nós.

O assumpto é um simples passeio campesino. Mas, que verdade na descripção, que colorido nas scenas, que propriedade nas imagens com que descreve a natureza ora em bonança, ora açoutada pela aza devastadora da tempestade, e sobre tudo que correcção no méτρο e que escolha significativa e minuciosa da palavra !

Estes poucos versos formam uma pequena epopéa. A sua heroína lembra aquella sublime inspiração de Lamartine, que fez da poesia o *Lago*, um primor de sentimento e de arte e do nome de Elvira o talisman de todos os corações amorosos.

Ha nos versos do autor do « Episodio », a quem consagramos estas linhas, perfume, harmonia, luz e um não sei que de suavissimo mysterio, que nos revela o reflexo de uma alma juvenil e ardente, capaz de comprehender e revelar-nos o verdadeiro e o sublime.

Não podemos por tanto furtar-nos ao desejo de transcrever as seguintes e formosas descripções desse lindo poemeto:

Alegre diversão ! Juntos pousamos,
Ao sussurro de trépido ribeiro,
No récosto mais alto da montanha,
Onde vasto se agita escuro bosque.
Que panorama ! Quanto luxo e galas
Pelo campo alardeia a natureza !
Verde mangueira—vegetal colosso—
Do espesso pavilhão a sombra espalha,
Tam grata ao viajor da calma ao pino !
Quantos berços encobre a densa sélva,
Nos umbrosos docéis ! Sonoras aves,
Em torno a pipilar, cil-as, brincando,
Nas correntes dos ares se equilibram,
Ou saltam da ramada ao claro arroyo ;

Fertil cannavial, crepita ao vento,
E esmalta de verdor a fresca várzea.
Segando, á farta, o lavrador previsto,
Da fouce aos golpes, a touceira acama,
E encurtando co' o canto a dura lida,
Pressuroso no carro amanha os feixes ;
Nos molles prados ruminando a grama,
Esquecem tardos bois o afan, e o jugo.

Eis pavorosos véos súbito empanam
A clara luz dos céos ; sibila o vento ;
Brama ao longe o trovão ; rebôa o valle ;
Estala o raio, a serpear no espaço ;
Arde o horizonte em circulo de fogo.
Dos serros a corrente despenhada,
Os troncos derribar insta ruidosa ;
O ingaseiro no valle inclina e tomba ;
Despede alto rumor aos céos a rama,
Na funda matta despertando os échos.
Ao formidavel som, timidas aves
D'entre a flórea espessura os ares fendem
E aos caros ninhos açodadas vôam.
Abalado palpita em brando anceo,
Dentro dô peito o coração de Elvira.
Oh ! feliz quem tivera o jus e o gôso
De aninh-a no susto ao seio amado,
E tranquilla estreital-a em meigo amplexo !

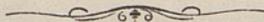
.....

Chegados somos á mansão campestre.
Cála nos seios d'alma a paz serena,
Junto da fonte, onde em vergel copado,
Donosos fructos, a pender, lourejam,
Zune a abelha na férvida colméa ;
Em meigo arrullo na viçosa relva,
Amando, a juryty,—a amar ensina.
A serrana a semente entrega aos sulcos,
E pesada de afan, na frente adusta
Aos ventos sólta, negligente, as tranças ;
O zagal, sem redil em campo aberto,
A' tardinha numera os pingues anhos.
Oh ! branda estancia, de paixões isenta,
Dos dôlos te resguarda ingente sombra !
Com que delicia, a tragos prolongados,
No seio dos teus bosques respiramos
Das frescas auras os subtis bafejos !

Depois de transcrever os bellos trechos desta poesia, que são plena justificação de nosso juizo, seja-nos licito pedir ao mavioso poeta, que não deixe de continuar engrinaldando com tão virentes florões a frente de sua Musa inspiradora.

Rio, 12 de Outubro de 1876.

A. E. ZALUAR.



Faint, illegible text at the top of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

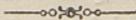
Second block of faint, illegible text in the upper middle section.

Third block of faint, illegible text in the lower middle section.

Fourth block of faint, illegible text near the bottom of the page.

Fifth block of faint, illegible text at the very bottom of the page.

UM EPISÓDIO



Meminisse juvabit.

VIRG.



il-a comnosco, jubilosa e bella,
Montando, negro, férvido ginete,
Que, ufano ao doce peso, o sólo escarva.
De subito pallor ligeiro assomo,
Das faces desluzindo a côr mimosa,
Mais realça de Elvira o lindo gésto.
A' ingreme serra, devassando a brênha,
Subimos todos, joviaes convivas.
Qual outr'ora Atalanta, a gentil socia,
Correr o páreo sem temor concerta ;
Já larga as rédeas ao corssel soberbo,
Que de brio estremece, afita a orelha,
E, dando á frente gracioso entono,
Rebelde ao freio—rápido galópa.

Debalde urgimos na veloz carreira ;
Ella, no curso, as auras desafia,
E ao triumpho sorri, transpondo a meta.

Alegre diversão ! Juntos pousamos,
Ao sussurro de trépido ribeiro,
No récosto mais alto da montanha,
Onde vasto se agita escuro bosque.
Que panorama ! Quanto luxo e galas
Pelo campo alardeia a natureza !
Verde mangueira—vegetal colosso—
Do espesso pavilhão a sombra espalha,
Tam grata ao viajor da calma ao pino !
Quantos berços encobre a densa sélva,
Nos umbrosos doces ! Sonoras aves,
Em torno a pipilar, eil-as, brincando,
Nas correntes dos ares se equilibram,
Ou saltam da ramada ao claro arroio ;
Fertil cannavial, crepita ao vento,
E esmalta de verdor a fresca várzea.
Segando, á farta, o lavrador previsto,
Da fouce aos golpes, a touceira acama,
E encurtando co' o canto a dura lida,
Pressuroso no carro amanha os feixes ;
Nos molles prados ruminando a grama,
Esquecem tardos bois o afan, e o jugo.

Eis pavorosos véos súbito empanam
A clara luz dos céos ; sibila o vento ;
Brama ao longe o trovão ; rebôa o valle ;

Estala o raio, a serpear no espaço;
Arde o horizonte em circulo de fogo.
Dos serros a corrente despenhada,
Os troncos derribar insta ruídosa ;
O ingaseiro no valle inclina e tomba ;
Despede alto rumor aos céos a rama,
Na funda matta despertando os échos.
Ao formidavel som, tímidas aves
D'entre a flórea espessura os ares fendem,
E aos caros ninhos açodadas vôam.
Abalado palpita em brando aneio,
Dentro do peito o coração de Elvira.
Oh ! feliz quem tivera o jus e o gôso
De aninhal-a no susto ao seio amado,
E tranquilla estreital-a em meigo amplexo !

Fitando scenas taes, que ao mundo ostentam
Infinita razão, saber supremo,
Ousamos escrutar onde mais brilha
Do Creador a vasta omnipotencia.
Entre prodigios tantos, que a declaram,
Tens distincto lugar, ó sol fecundo,
Tu, que em mares de luz sumindo as trevas,
Dás, em almo calor, fontes de vida.
No gyro alterno revocando as sombras,
Oh ! que immenso poder a noite assella !
E quem mais do que vós, tremendas vagas,
Do Universal Factor proclama a dextra,
Se tímidas rugis, fervendo em serras ?
Não te olvidamos, feminil belleza,

Tu, que o bello ideal n'alma reflectes,
E em promessas eternas de ventura,
Ao teu dominio os corações sugeitas !

Em confuso discurso assim perplexos,
Sem luz versamos no baldado intento.
Eis que dos olhos teus, formosa Elvira,
De Deus se mostra inteiro o poder summo,
E no mais puro azul, sem véos, resplende
Aos vivos raios de celeste encanto.

Chegados somos á mansão campestre.
Cála nos seios d'alma a paz serena.
Junto da fonte, onde em vergel copado,
Donosos fructos, a pender, lourejam,
Zune a abelha na férvida colmêa ;
Em meigo arrulho na viçosa relva,
Amando, a jurity,—a amar ensina.
A serrana a semente entrega aos sulcos,
E pesada de afan, na frente adusta
Aos ventos sólta, negligente, as tranças ;
O zagal, sem redil em campo aberto,
A' tardinha numera os pingues anhos.
Oh ! branda estancia, de paixões isenta,
Dos dólos te resguarda ingente sombra !
Com que delicia, a tragos prolongados,
No seio dos teus bosques respiramos
Das frescas auras os subtis bafejos !

Mas já serena desce a noite amiga,
E em breve o somno alenta os lassos membros.

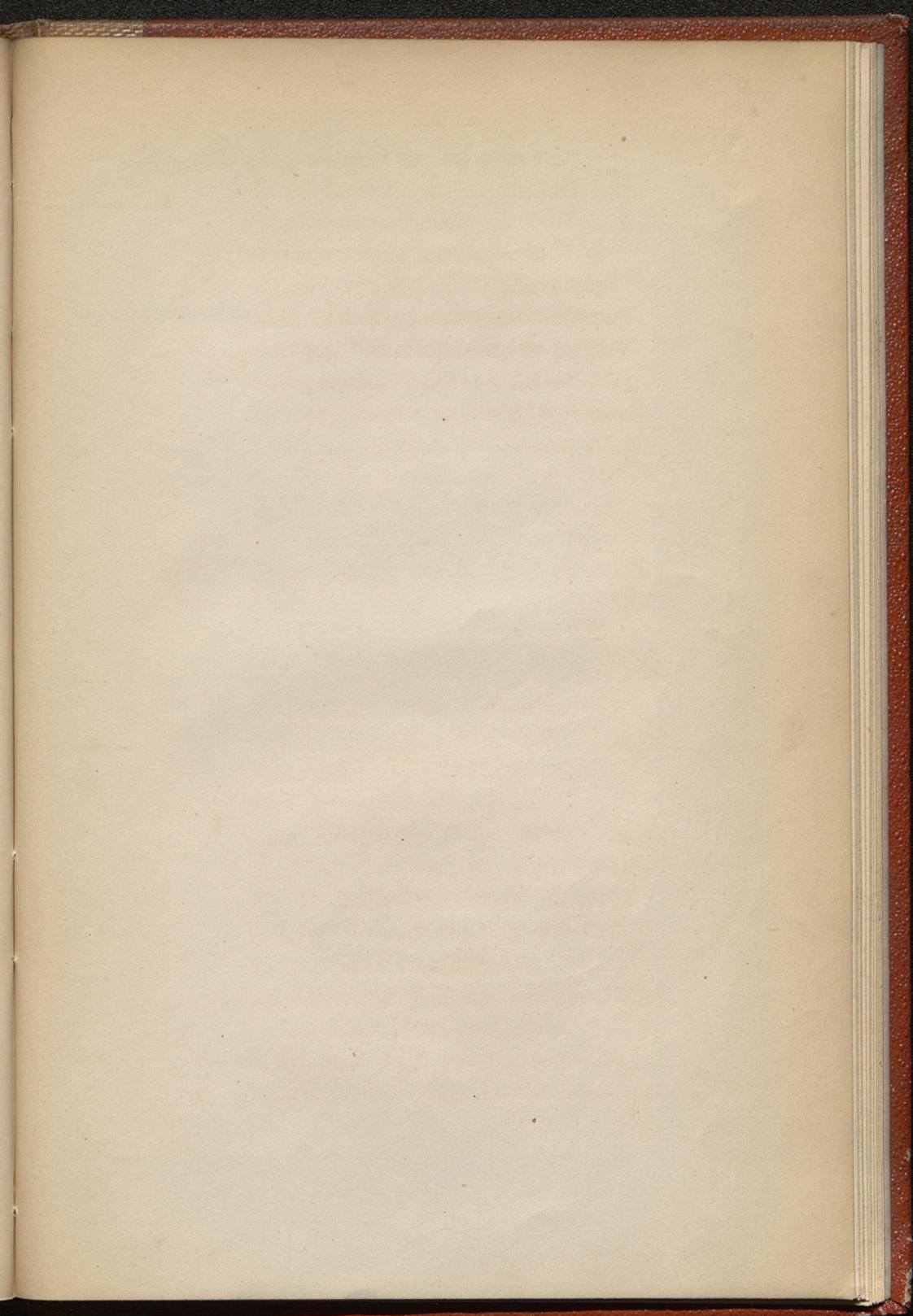
Maga visão de um sonho deleitoso
Embalando-me a accessa phantasia,
De vivo gôso o coração me inunda !
Vislumbro entre jasmíns formosa dama,
Meigo, languido o olhar, pórte de nympha ;
Fluctua-lhe nos hombros graciosos
Debruçada em anneis dourada coma.
Será que entre visões a confortar-nos,
Descem anjos do céu durante o somno,
Ou a ver anjos no céu nossa alma vóa ?
« Celeste mensageira, oh Diva, exclamo,
Acceita minha fé, meu culto acceita ;
Em minhas oblações, feliz mil vezes
Se me é dado a teus pés collar meus labios ! »

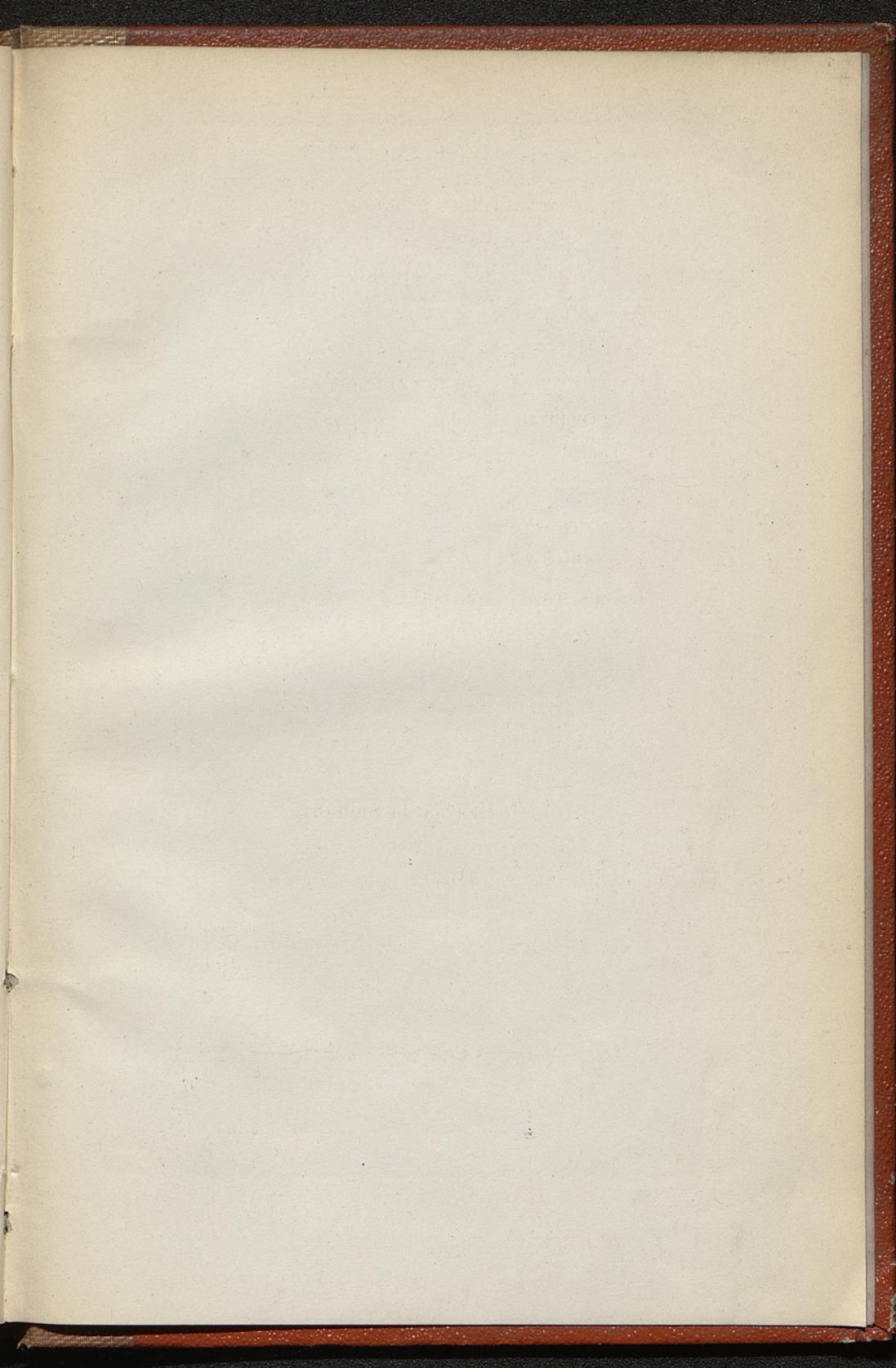
Quem me dissera ! tam suave sonho,
Só teve para mim amargo séquito !

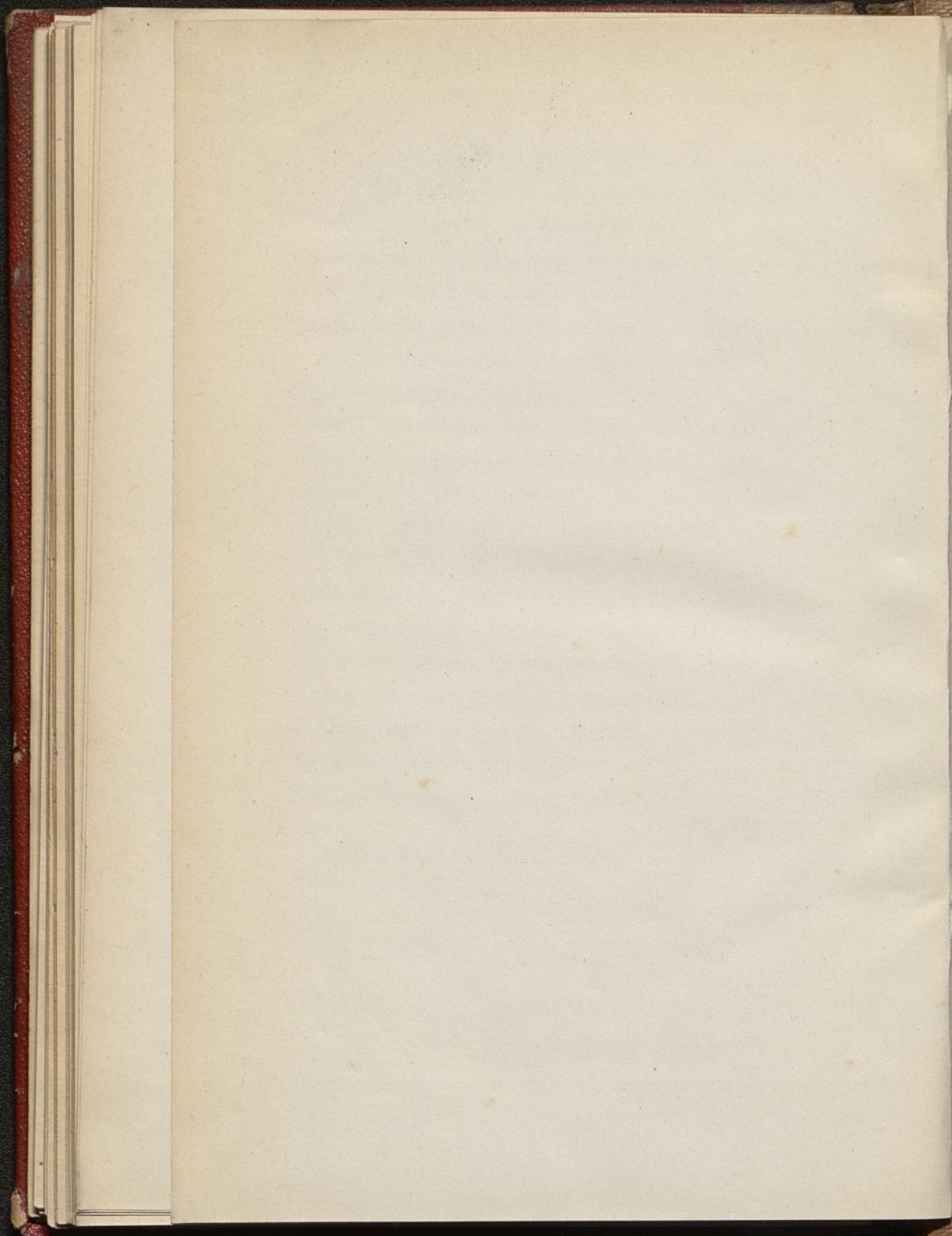
Perturbados do enleio inda os sentidos,
Acórdo, ao palpitar do anciado peito.
Como é duro romper de um sonho a teia !
Se lavra incendio—na vigilia, sóbe
Mais alto a chamma a devorar nossa alma !
Um nada, Deus eterno ! um puro sonho,
Que aos raios da manhan se desvanece,
Em supplicio cruel me afana e prostra,
E nas veias me verte ardente febre !
Qual de inclinado plaino ao mar longinquo,
Compellida a torrente se desaba,
Saudoso, oh veigas, ás cidades tórno,
Da existencia na vaga arrebatado !

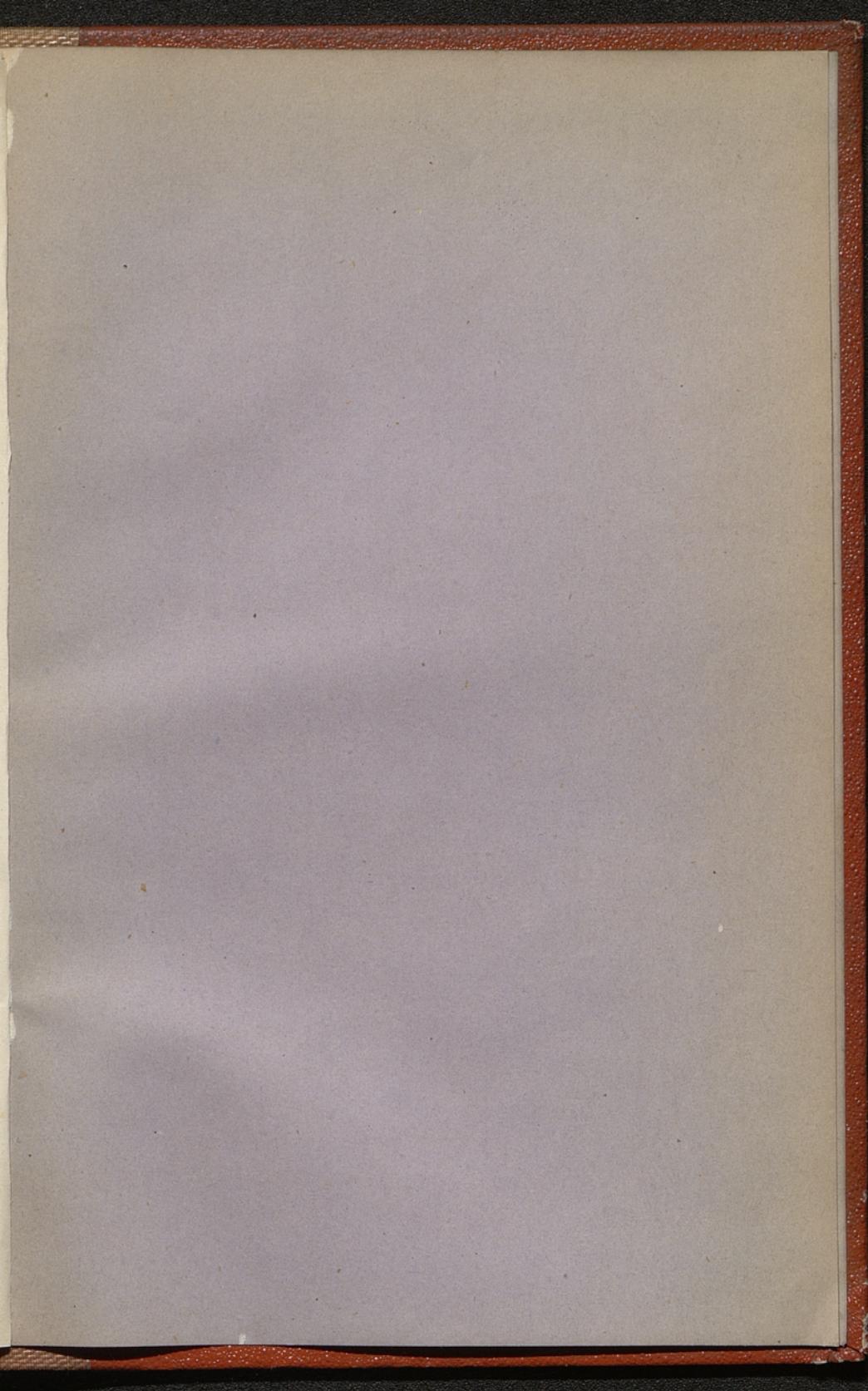
Nem me é dado pairar ! Força-me o vento !
Oh ! digo adeus eterno ás verdes lavras,
E a vós, a vós tambem, gratas collinas !
Deixado da esperança, ao longe eu corro,
E qual perdido nauta, oh cara Diva,
Entrego o meu batel ao fado e ás ondas;
Sê-me doce pharol na tréva espêssa,
E dá-me que dos céos lúcida estrella,
Constante me reflicta a imagem tua !

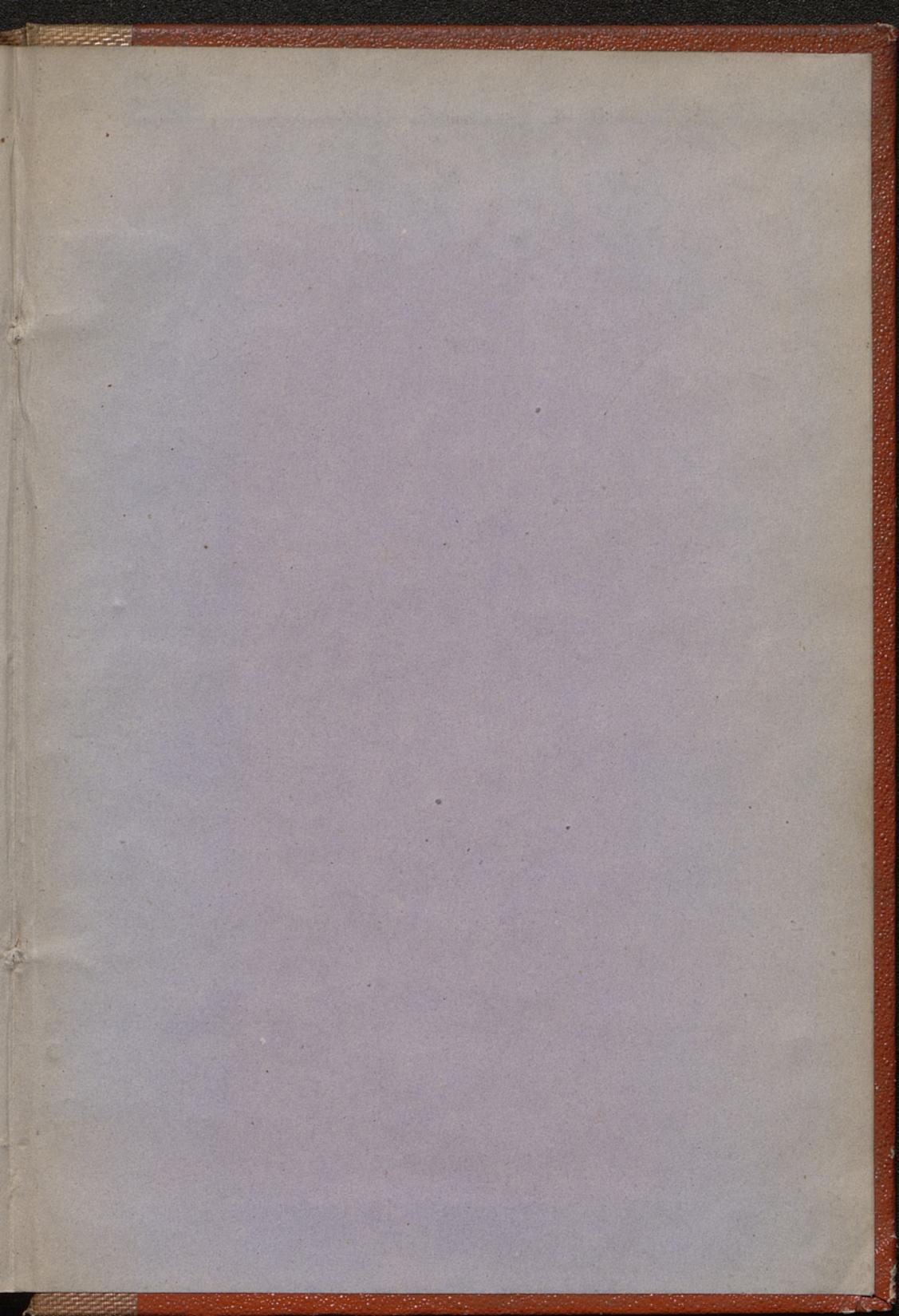












53

53



